



PROSA

Dois Dedos de

Nº 34 - Recife PE - Novembro de 2001

Páginas 04 e 05

Entrevista
com Sebastião
Pinheiro

**VAMOS
DIZER**

NAO

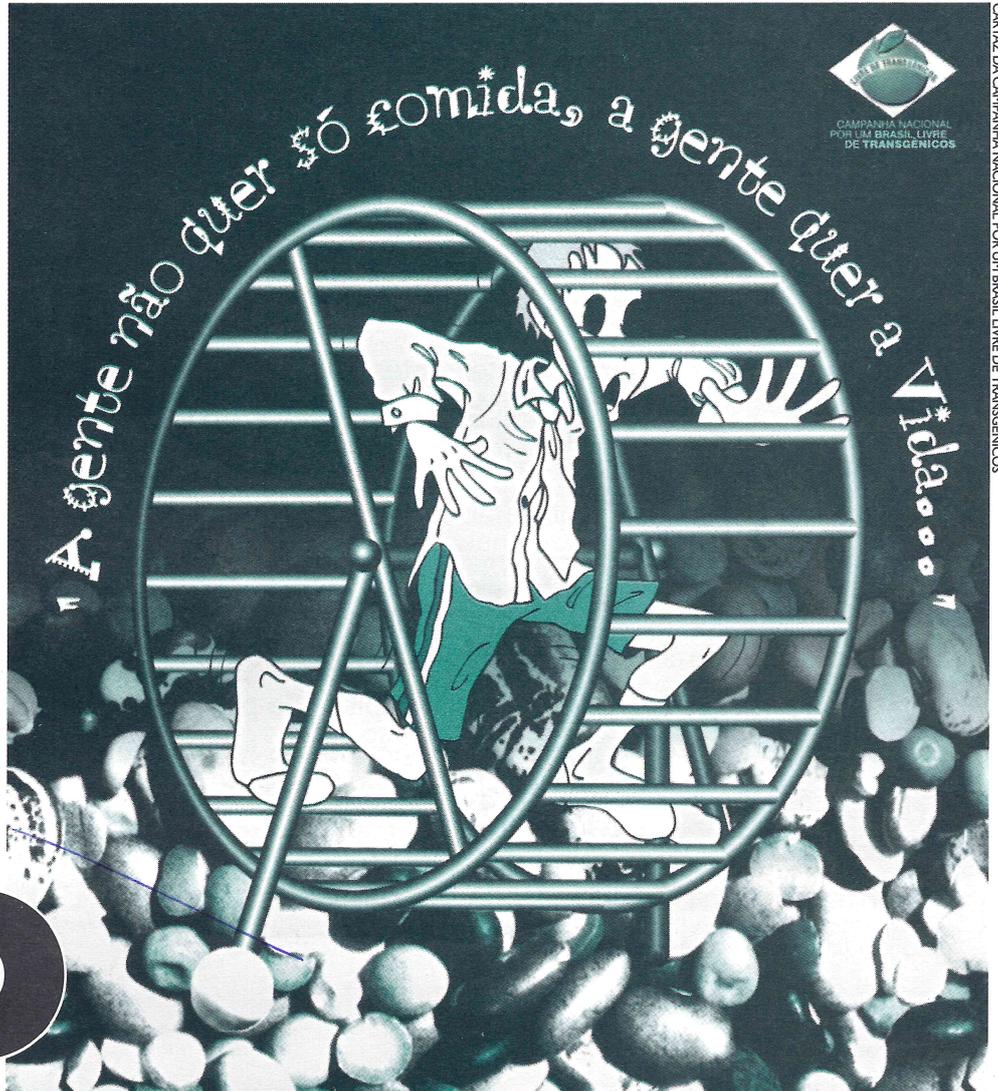
AOS TRANSGÊNICOS

Páginas 07

ESTÁGIO:
ESTUDANTES CONHECEM
NA PRÁTICA A EXPERIÊNCIA
COM AGROFLORESTA

Encarte

COMO FAZER
RAPADURA





Saiba mais sobre transgênicos

Essa edição do **Dois Dedos de Prosa** traz como matéria central uma entrevista que trata de um assunto muito polêmico: os transgênicos.

Aqui, o Centro Sabiá demonstra claramente o porquê de dizer não aos transgênicos.

Em primeiro lugar, ainda é muito cedo para saber quais os riscos que as sementes transgênicas podem trazer para a saúde das pessoas, para a agricultura e para o meio ambiente.

A liberação do uso dos transgênicos no país não interessa a nós praticantes da agricultura agroflorestal, pois as grandes beneficiadas serão as empresas de sementes, adubos e venenos, que só visam o lucro econômico. Enquanto o governo libera áreas para o cultivo experimental destas culturas sem antes fazer um estudo de impacto ambiental, contrariando uma decisão judicial, o Centro Sabiá e outras organizações estão divulgando informações para que a população possa se posicionar sobre o consumo ou não de alimentos feitos com transgênicos.

Uma pesquisa feita nas principais capitais do país, comprovou que quanto mais informação a população tem sobre transgênicos, mais rejeição se tem a estes produtos. E, para nós que defendemos uma agricultura livre de transgênicos, ampliar a informação é uma eficiente estratégia para melhorar a educação política e cidadã, na construção de um mundo sustentável tanto dos agricultores, como dos consumidores e dos profissionais que trabalham na agricultura.

Expediente

Informativo nº34
Novembro de 2001

Centro de Desenvolvimento
Agroecológico Sabiá

Rua do Sossego, 355 – Santo Amaro
50.050-080 Recife-PE
Fone: (81) 3223.7026
Fax: (81) 3223.3323

E-mail: centrosabia@terra.com.br

Equipe Técnica:

Adeildo Fernandes, Avanildo Duque da Silva, José Aldo dos Santos, Joseilton Evangelista de Sousa, Marcos Figueiredo, Maria Aparecida de Azevedo, Marleide Irineu, Neide Farias e Verônica Batista.

Jornalista Responsável : Vlândia Lima (DRT 2463- PE).

Diagramação: Marta Braga.

Distribuição: Pedro Eugênio e Vânia Luíza.

Apoio: ICCO e Ministério do Meio Ambiente, TDH e Miserior.

Tiragem: 2.000 exemplares.

Espaço do Leitor



Queridos amigos, estou em Rio Branco aplicando um pouco do que eu aprendi com vocês. Estou trabalhando com o Projeto Arboreto, que faz parte do Parque Zoobotânico, na Universidade Federal do Acre.

O projeto no qual estou envolvida é com difusão da agrofloresta para agricultores familiares de um assentamento do INCRA, que fica há 1 hora de Rio Branco. São aproximadamente 40 famílias envolvidas, sendo que algumas delas já participam do projeto há quase 3 anos.

Percebi que muitas famílias não tem acesso à água de boa qualidade para beber, e usam tratá-la com cloro ou outros químicos. Me ocorreu a idéia de estimulá-los a plantar moringa, pra que daqui há algum tempo eles não dependam mais desses químicos, podendo utilizar um produto natural. Porém, aqui não tem moringa, e portanto não dá pra conseguir sementes. Pensei que talvez vocês pudessem mandar um pouco (por volta de 500) pra gente dar a eles. E também era bom nos orientar sobre como trabalhar com ela.

Agradeço antecipadamente.

Um grande beijo a todos,

Renata Zambello

(Rio Branco - AC).



E S P A Ç O
AGROECOLÓGICO

Recife - Sábados, das 6 às 11 horas,
rua Souza de Andrade - Graças.

Serra Talhada - Sábados,
das 7 às 11 horas, rua Agostinho Nunes de
Magalhães (rua da Prefeitura).

Articulação do Semi-árido Brasileiro - ASA:

Avançando num Jeito Novo de Mobilização da Sociedade Civil

• José Aldo dos Santos

Falar de seca, estiagens, ausência de políticas governamentais para agricultura familiar no Nordeste, não tem nada de novidade para a grande maioria da população do semi-árido. Como também, não é surpresa dizer que os recursos públicos que chegam são usados por grupos concentradores da terra, da água e da renda.

Nessa realidade, a partir do documento "Proposta de Alternativas de Convivência para o Semi-árido" elaborado pela sociedade civil, em 1993, foram sendo construídas alternativas de desenvolvimento, bem como ao longo desses anos surgiram várias articulações estaduais (Forcampo-RN, Fórum Seca-PE, Articulação do Semi-árido Paraibano) dos movimentos sociais, igrejas, organizações não governamentais, associações e cooperativas, para mostrar a viabilidade do semi-árido.

Recentemente aconteceu a rearticulação da sociedade civil nordestina, a nível regional, durante a Terceira Conferência das Nações Unidas sobre a Convenção de Combate à Desertificação, realizada em Recife em 1999. Naquele momento organizou-se um fórum paralelo que possibilitou grande repercussão junto à imprensa, como também foram apresentadas as experiências de convivência com o Semi-árido.

Durante o evento o documento de 93 foi rediscutido, surgindo dessa discussão a Declaração do Semi-árido e a criação da Articulação do Semi-árido - ASA. Nesses dois anos a caminhada tem sido desafiadora, mas animadora, construtiva e fraterna. Atualmente já aderiram a carta de princípio da ASA mais de 600 entidades das Igrejas; das ONG's; dos movimentos sociais; das associações e cooperativas espalhadas em 12 estados. O Centro Sabiá é uma delas.

Em agosto de 2001, a ASA realizou o seu segundo encontro, que reuniu cerca de 150 representantes de instituições da sociedade civil, demarcando novas perspectivas para o processo de consolidação

dessa articulação. Constatou-se que a ASA no último ano priorizou a elaboração do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) como uma estratégia de mobilização social, política e de recursos, para criar um impacto positivo para as unidades familiares rurais do Nordeste. Concluída a fase de elaboração do P1MC o desafio é viabilizar todo o processo de realização desse programa de formação e mobilização para a convivência com o Semi-árido.

O encontro além de referendar o P1MC, definir novos Grupos de Trabalho sobre: O Rio São Francisco; Comunicação; Educação; Conservação da Caatinga e Agroecologia, desenhou o formato organizativo da ASA, que reforçou as dinâmicas das articulações estaduais, manteve o Encontro Nacional da ASA como espaço de definição das estratégias políticas da articulação e definiu uma coordenação executiva composta com um representante de cada articulação estadual. Enquanto os estados definem seus representantes foi escolhida uma coordenação executiva provisória, formada pelas seguintes entidades: Unicef, Diaconia, Cáritas, Fetape, Oxfam e Centro Sabiá.

Esse indicativo coloca para a sociedade nordestina o desafio de ser sujeito na construção de um desenvolvimento que considere as dimensões sociais, ambientais, econômicas, culturais e políticas, como também a diversidade das realidades urbanas e rurais do semi-árido.

Portanto, coloca-se essa construção como um processo de desenvolvimento participativo, democrático, descentralizado; economicamente viável, com solidariedade, cooperação e justiça social, tendo na ação coletiva presente a garantia de um futuro com mais qualidade de vida, ou seja, uma sociedade que tenha um ambiente equilibrado, uma economia sustentável e a vida socialmente justa.

"Trocar Agrotóxico por Transgêni

Visando abrir uma discussão e orientar a população para os riscos do uso dos transgênicos, o **Centro Sabiá**, durante as comemorações do seu oitavo aniversário, no mês de julho, convidou o agrônomo e engenheiro florestal **Sebastião Pinheiro**, autor da *Cartilha Sobre Transgênicos*, para falar sobre o assunto nas palestras: **"A Importância da Alimentação sem Agroquímicos e Livre de Transgênicos"** e **"Transgênicos e Agrotóxicos: A Crise da Agricultura Moderna"**, realizadas na Feira de Produtos Agroecológicos, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e nos municípios de Triunfo e Gravatá. Durante sua passagem por aqui, ele foi entrevistado pela jornalista **Vlândia Lima**, onde esclareceu algumas dúvidas. Confira:

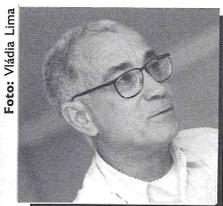


Foto: Vlândia Lima

DDP - Quando é que os transgênicos começaram a querer entrar no Brasil?

SEBASTIÃO - O projeto da Monsanto (empresa estrangeira) de lançamento dos transgênicos foi a mais perfeita obra de marketing (propaganda de mercado) que eles já fizeram. Quando chegam os transgênicos no Brasil, eles saem dos Estados Unidos para o Canadá e para a Argentina, não entram diretamente no Brasil. Então, a Monsanto faz o lançamento da soja transgênica dentro de um hotel cinco estrelas de Porto Alegre, convida toda a elite gaúcha, a UDR, latifundiários, biólogos moleculares e biotecnologistas professores universitários. O coquetel, regado a vinho, cerveja e cachaça, foi no dia 19 de fevereiro de 1998. Mas antes, durante um ano, eles andaram de cidade em cidade fazendo a cabeça dos agrônomos, vendendo fascínio e estupefação.

Qual era a reação que eles esperavam? A Monsanto esperava a reação desenfreada dos ambientalistas. Mas nós do Rio Grande do Sul ficamos caladinhos. Respondemos com donas-de-casa, sindicalistas, semi-analfabetos, pobres, humildes e assalariados. E a resposta sabe como é que foi feita? No *Seminário Popular sobre Transgênicos*, nos dias 6 e 7 de abril do mesmo ano (1998). Convidamos dois professores da universidade para fazer uma palestra sobre: "O que é engenharia genética?" "O que são OGM's (organismos geneticamente modificados)?" e "O que são transgênicos?" Só que nós colocamos um contra-ponto na mesa depois. Dois falaram e eu destruí o que eles falaram. E aí começamos o debate.

Neste evento, convidamos todas as indústrias de engenharia genética. Então, nós colocávamos uma das indústrias e depois o público perguntava. Só que elas não estavam preparadas para responder à cidadania, à democracia e ao povo.

No final, foi lançada a *Cartilha Sobre Transgênicos*, uma

cartilha popular. A partir daí, nós fomos de cidade em cidade para discutir sobre o assunto. Em algumas cidades nós conseguimos reunir 12.000 pessoas. Tivemos reuniões que foram transmitidas por rádio para 300.000 pessoas, em um programa de quatro horas de transmissão. Nós tivemos reuniões em todas as igrejas. Fizemos em torno de 160 debates com a EMBRAPA e a Monsanto presentes. Já se passaram três anos e nós não estamos comendo o que eles querem.

DDP - Mas a população brasileira já não está comendo transgênico sem saber?

SEBASTIÃO - Os transgênicos que têm no Brasil no momento, podemos dizer que tem milho, principalmente no Nordeste. Foi liberado pela CTNBio (Comissão técnica nacional de biosegurança), de uma maneira absurda, milho, por falta de milho. Então, se comprou da Argentina porque Mercosul. E foi determinado que esse milho entrasse no Nordeste - em Recife, Cabedelo e Fortaleza - para alimentar animais. Foi publicada uma norma da CTNBio no Diário Oficial da União de que esse milho não poderia ser transportado a granel, teria que ser ensacado para o transporte. Aqui em Recife chegou a granel e em carretas abertas. Então, o que acontece numa situação desta? Os grãos caem pelas frestas da carreta e vão se espalhando. O milho se cruza facilmente com outras gramíneas. Se um milho desse nasce e se cruza com outras gramíneas, quanto tempo vai demorar para a gente conhecer um dano? Dez, vinte, cem anos? Esse é o problema, nós não sabemos. E se isso aconteceu?

O milho para ser dado ao animal deveria ser triturado ou cozido. Mas eu acredito que ninguém cozinhou ou triturou aquele milho. Ele é expelido muitas vezes inteiro pelo esterco de um cavalo, e nasce. Temos que ter muito cuidado. Não se pode brincar com uma molécula viva estranha que está invadindo a natureza. Se era perigoso, a CTNBio avisou antes. Eu fui à Fortaleza, entrei no Porto e fiz fotografias do milho nascendo. Em Mossoró me fizeram uma denúncia de que estavam usando este milho em um moinho para fazer cuscuz. Eu levei uma amostra de 5 quilos para a Procuradoria da República. Foi feita uma análise e a EMBRAPA da região declarou: "a amostra não foi colhida convenientemente para fins estatísticos, deveria ser observada para normas técnicas". Na verdade, não poderia ter sido plantado um grão. O problema é que o Governo Federal é cúmplice e deseja que nós comamos transgênicos.

DDP - Nós encontramos hoje nas prateleiras das mercearias e supermercados óleo de milho de fabricação Argentina. Esse óleo é transgênico?

SEBASTIÃO - Ele pode ter sido obtido de um milho transgênico. Só que aquele milho transgênico cresceu, tem o

o, é Trocar Seis por Meia Dúzia”

gen para aquela proteína tóxica que mata inseto ou aquele gen para resistência ao herbicida. São dois tipos de milhos transgênicos que tem na Argentina. Neste caso, o óleo que sai dali ele é originado de um milho transgênico. Ele tem uma transformação mas não é transgênico, ele é um derivado. Pela lei, deveria ser rotulado. Eu não estou defendendo, eu apenas estou esclarecendo. Eu como cidadão, não quero comer óleo de milho argentino, não quero que ele seja nem rotulado e quero ele fora do mercado. Mas se ele está aí, ele deveria estar rotulado e identificado. Porque o Código de Defesa do Consumidor determina isso. Se alguém lá em Brasília diz que só se tiver com 3%, 4% ou 5% na composição do produto ou só se for vivo, não interessa.

DDP - Como foi sua visita a Triunfo e Gravatá, juntamente com os técnicos do Centro Sabiá?

SEBASTIÃO - Nós, lá em Triunfo, tivemos uma satisfação muito grande em ver agricultores, um juiz, uma secretária municipal de educação e professores, todos preocupados com o tema. Essa questão dos transgênicos atualmente é um tema de ponta e chama atenção. As pessoas têm uma necessidade de estarem informadas e elas não sabem o que é o avanço da tecnologia dentro de uma sociedade. É dramático, porque você vê que o que eles têm é uma informação de mídia, de segmento econômico e não uma informação de tecnologia como avanço da sociedade, tecnologia como uma necessidade de mudança. Eu posso dizer que em Triunfo eu estive em lugares avançados. Pois, apesar de ser uma região que vive de um passado, do café do século 19, de duzentos anos atrás, você encontra o futuro. E o futuro é o agricultor Antônio Sabino fazendo nascer solo onde não existia solo, é a Dona Lourdes hoje com um patrimônio que ela criou, ressuscitando o seu solo que foi raspado para fazer uma obra de rodoviária.

Então, a primeira palestra foi bastante interessante pela preocupação das pessoas com o tema. E quando você começa a colocar as coisas com clareza, as pessoas se sentem órfãs, desamparadas e ansiosas, por não terem acesso à informação, que deveria ser o primeiro passo de um governo, manter os seus cidadãos bem informados.

Por isso, transgênicos, e eu faço isso com bastante obviedade, é a mesma coisa que agrotóxicos, é a mesma coisa que fertilizante. É um avanço tecnológico. E não muda nada para o agricultor. Piora. E aí, quando ele fica sabendo que trocar agrotóxico por transgênico nesse contexto atual de agri-

cultura brasileira, é trocar seis por meia-dúzia, ele descobre que não vale a pena trocar porque vai piorar. Então, a informação é extremamente importante para o pessoal resgatar a sua auto-estima, o seu amor próprio, o seu conhecimento e a sua memória. Nós abordamos isso de uma maneira muito dura e às vezes até brincalhona, mas de uma maneira que as pessoas vejam como é que se manipula a informação. Como é que os órgãos de governo, tipo a EMBRAPA, o Ministério da Agricultura e o Ministério da Saúde, como é que eles manipulam para manter uma elite.

No dia seguinte, fomos a Gravatá. Foi outra palestra cheia de perguntas. A gente viu a satisfação na cara do povo. Uma coisa que nós notamos no Rio Grande do Sul, é que a única força que ocupa espaço no meio rural e no meio agrário no interior do Brasil, são as empresas de comunicação através da mídia de comercialização de produtos. Diretamente quem faz isso são as empresas multinacionais através de seus agrônomos. Então, o agrônomo hoje recebe a visita do homem



O agricultor Antonio Sabino mostrando a Sebastião Pinheiro a evolução do seu trabalho com agroflorestas.

de confiança dele que é o vendedor de veneno, de adubo e de sementes. Ele liga a televisão e vê na novela da Globo, falar três vezes no mesmo capítulo, que o tomate é mais gostoso porque é transgênico. E aí você pergunta: e a ação na Justiça Federal que proíbe a divulgação, o uso e a comercialização de produtos transgênicos no país? Porque quando se faz propaganda na Globo através de uma novela, se está fazendo um tipo de propaganda embutida dentro de um contexto de uma novela. É proibido isso. Mas eles fazem porque as empresas de biotecnologia estão por traz, porque o governo faz ouvidos moucos e olhos cegos. Então, a gente se pergunta: e a cidadania? Vai muito mal. Essa é a realidade que nós temos hoje.

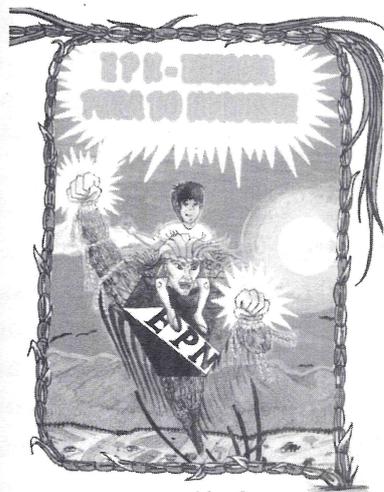
Por Aí Fora...

VI Feira da Rapadura

De 23 a 25 de novembro, em Santa Cruz da Baixa Verde - PE, acontece a **VI Feira da Rapadura**, realizada anualmente, onde os produtores, empresários e outras organizações têm a oportunidade de mostrarem seus produtos. Fazendo parte da programação, no dia 25, das 8:30 às 13 horas, está o **Seminário: "A Cultura da Cana de Açúcar na Sustentabilidade da Agricultura Familiar"**, promovido pela Prefeitura Municipal, Centro Sabiá, Sindicato de trabalhadoras Rurais, CECOR, ADESSU-Baixa Verde e Sebrae, onde serão debatidas, entre outras questões, a importância da rapadura na cultura regional e da cana-de-açúcar para a agricultura familiar, sob os pontos de vista ecológico, econômico, social e político.

Lançamento

O livro **"EPN - Energia Pura do Nordeste"**, escrito por Silvio Batista, dirigido ao público

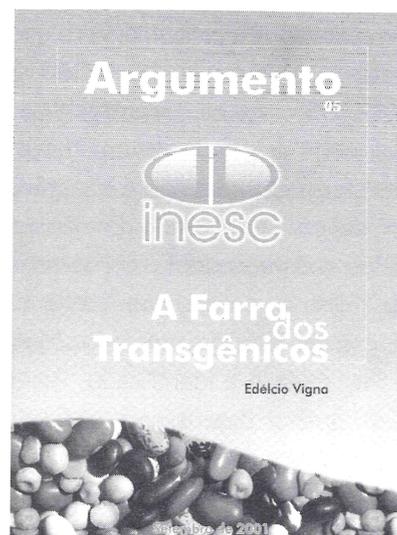


infanto-juvenil, será lançado durante a **VI Feira da Rapadura**, no dia 24 de novembro, às 17 horas. O livro conta a história de Pedrinho, filho de um trabalhador de engenho que fala da arte de fazer rapadura, da origem e do seu valor nutritivo.

No sonho fantástico do menino, ele faz um passeio pelo nordeste, passando pelas cidades de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde, grandes produtoras de rapadura da região.

Transgênicos

O **Argumento**, uma publicação mensal do INESC - Instituto de Estudos Socioeconômicos, traz na sua edição mais recente: **A Farra dos Transgênicos**. Escrito por Edélcio Vigna, é o resultado de um estudo desenvolvido pelo INESC para listar to-



dos os campos experimentais liberados no Brasil pela CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança), fazendo um levantamento de quantos são, onde estão, quais as culturas em experimentação e apresentando conclusões de pesquisas científicas sobre os organismos geneticamente modificados (OGMs). Em Recife, o lançamento será no dia 03 de dezembro com a presença do autor, Edélcio Vigna.

Maiores informações no **Centro Sabiá**, pelos telefones: **3223 7026 / 3223 3323**.

Seminário sobre Agroecologia

Com o tema *Conhecimento e Saber Ambiental*, o **II Seminário Internacional sobre Agroecologia**, **III Seminário Estadual sobre Agroecologia** e **III Encontro Nacional sobre Pesquisa em Agroecologia**, será realizado em Porto Alegre (RS), de 26 a 28 de novembro de 2001, no Centro de Eventos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Entre os vários objetivos do encontro está o de reforçar as políticas do Estado baseadas na agroecologia e a sensibilização de diversos públicos para essa questão. O Centro Sabiá participa do evento com a palestra: **Agricultura Agroflorestal: da Teoria à Prática e seus Resultados**.

Estágio de Vivência: Formando Estudantes em Agricultura Agroflorestal

• Marcos Figueiredo

Pelo segundo ano, o Centro Sabiá em parceria com o Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da Universidade Federal Rural de Pernambuco promoveram o Estágio de Vivência em Agricultura Familiar Agroflorestal, com o apoio da Associação Menonitas de Assistência Social – AMAS e do Projeto Plantas do Nordeste – PNE. Realizado em julho passado, este evento reuniu 14 pessoas, na sua maioria estudantes da Universidade Federal Rural / PE, da Universidade de Lavras / MG e da ESALQ/ SP. Durante 19 dias os estagiários participaram de palestras, estudos em grupos, assistiram vídeos, visitaram propriedades rurais, além da vivência com famílias de agricultores.

O Estágio é uma oportunidade para que os estudantes participem de uma experiência teórica e prática, fundamentada num processo construtivista do aprendizado e numa visão sistêmica da agricultura. Diferente, assim, do ensino acadêmico tradicional que isola os estudantes nas universidades e fragmenta as disciplinas, como se fossem ilhas.

O Estágio de Vivência mesmo tendo uma duração curta, 152 horas, cumpre um papel no sentido de encorajar os estudantes a abraçarem a agricultura familiar agroflorestal, enquanto perspectiva profissional. São diversos os casos de estagiários que desenvolveram monografias e dissertações de mestrados sobre o tema. Há outros casos em que participam de grupos que promovem palestras, cursos e até realizam práticas agroflorestais nos campus das universidades.

Por fim, vale salientar que o crescimento da agricultura familiar agroflorestal nas Universidades é fruto do esforço de alguns professores e estudantes que acreditam neste modelo de agricultura como uma opção para o desenvolvimento rural sustentável brasileiro. Neste sentido, destacam-se os estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da Universidade Federal Rural / PE, da Universidade Federal de Lavras / MG e da Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz / SP.



Engenho Ubú (Goiana - PE) – Os estudantes identificam problemas na agricultura tradicional.



Poesia

Trechos do poema **A ESTRADA DE MINHA VIDA**,
do poeta Patativa do Assaré,
extraídos do livro Cante Lá Que Eu Canto Cá.

Trilhei, na infância querida,
Composta de mil primores,
A estrada de minha vida,
Ornamentada de flores.
E que linda estrada aquela!
Sempre havia ao lado dela
Encanto, paz e beleza;
Desde a terra ao grande espaço,
Em tudo eu notava um traço
Do pincel da Natureza.

Viajei de passo lento,
Pisando rosas e relvas,
Ouvindo a cada momento
Gemer o vento nas selvas;
Colibris e borboletas
Dos ramos da violetas
Vinham render-me homenagem,
E do cajueiro frondoso,
O sabiá sonoro
Saudava a minha passagem.

O sol, quando despontava,
Convertendo a terra em ouro,
Em seus raios eu notava
O mais sublime tesouro;
E de noite, a lua bela
Era qual linda donzela,
De uma beleza sem fim;
A sua luz prateada
Tinha a cor emaculada
Das vestes de um querubim.

Eu seguia o meu caminho,
Sempre alegre e sorridente,
Balbuciando baixinho
Minha canção de inocente.
E enquanto, sem embaraço,
Eu transpunha passo a passo,
Os tapetes da campina,
No centro da espessa mata,
As águas de uma cascata
Cantavam ao pé da colina.